

Escolas de Agricultura

OCTAVIO DOMINGUES

Diretor do Ensino Agronomico do
M. da Agricultura

Para os espíritos atrasados de meio seculo, ainda é com preensivel a confusão entre academia e escola de agricultura. Numa academia o metodo de ensino pode ter parado na forma catedrática dos discursos ou conferencias de tantos minutos, por matéria. Numa escola de agronomia isso não se coaduna com o espírito que deve orientar ali os trabalhos didáticos. Infelizmente esta verdade está longe de ser conhecida entre nós, com a força criadora que ela trás consigo.

Toda a escola de agricultura deve ser um laboratório onde a atividade não seja apenas a das aulas, mas, sim, a atividade dos ensaios, das pesquisas, das experiências, da prática; enfim, variada, polimorfa que é a feição peculiar da própria agronomia.

O aluno, nela, não é um mero ouvinte, um fixador mnemônico de fórmulas literárias, para uma aplicação remota, problemática, discutiavel. Ao contrário, ele deve ser o próprio fator humano de toda a atividade da escola, e o professor passará do papel decorativo de um bom conferencista, para o de condutor de jovens inteligências ávidas de conhecimentos.

Para não parecer pedante é que não direi ser o ensino agrícola o mais necessariamente "ativo", entendendo-se por isto o metodo didático em que o aluno age, trabalha e caminha por si, no mundo dos descobrimentos, apenas levado, conduzido, pelo mestre, que se transformará em um animador da atividade criadora de seus educandos.

Daí a distancia em que é preciso colocar uma escola de agricultura comparativamente com as academias de ensino superior.

Não quer isto dizer que ela seja superior ou inferior a estas. Não. Ela é diferente, considerando-se entretanto, seu curso tão alto, tão elevado, tão científico como os que mais o forem.

Agricultura sem ciencia agricola é empirismo, é atrazo na produção, é o baixo rendimento para os tres fatores dela — fator humano, fator terra, fator capital.

A época de produzir ao “Deus-dará” já ficou atrás. Para produzir, hoje, vantajosamente, é necessario produzir com inteligência, ajudado pela técnica melhor, mais eficiente, mais certa em seus resultados.

E isto só se consegue com a aplicação da sciencia á produção da terra.

Que ciência? Todas as ciências. Sim, porque para aperfeiçoar e tornar mais eficiente a prática agrícola faz-se mister o auxilio, não apenas da matemática, ou da física ou da química. Não. Ha necessidade do concurso simultâneo da matemática, da física, da química, da biologia, das ciências sociais — principalmente destas tres ultimas.

Por isso é que o técnico da produção agrícola deixou de ser um mero engenheiro da agricultura — como era antigamente considerado, por atrazo da própria agronomia — para se tornar um profissional com maiores responsabilidades, necessitando ser portador de um conjunto bem complexo de conhecimentos. Só assim poderá o agrônomo prestar o concurso, que dele se espera, não propriamente no aumento da produção, mas no melhoramento desta e na baixa de seu indice de custo. Produzir demasiadamente não é o fim hoje da técnica. Pruduzir melhor e em melhores condições, eis o que se exige.

O profissional da agronomia deve, por isto, passar por uma formação técnica rigorosa. que não pode ser feita numa sala, em frente a um quadro negro — por mais sábio que seja o professor. Seu conhecimento da materia naturalmente ha de ser profundo, mas é para seu uso e não pode ser “transmitido”, simplesmente porque conhecimento não se “transmite”.

O conhecimento de alguma cousa "adquire-se fazendo" — é este o principio que domina a pedagogia de hoje.

Dáí, numa escola de agronomia, a necessidade das aulas serem "feitas" e não "ouvidas". Isto importa na exigência, então, de escolas onde os alunos façam alguma cousa, e não permaneçam no papel passivo de "ouvintes" de preleções.

Precisamos muito de escolas de agricultura, mas escolas onde os educandos aprendam a ciência agronomica ensaiando, experimentando, praticando, agindo guiados pelos melhores mestres, que deverão fugir sempre á função arcaica de conferencistas, para um auditório de moços cheios de vigor, a pedirem ação e trabalho.

Outra concepção erronea, e sobretudo prejudicialíssima, que se faz de uma escola de agronomia, é a de que bastam dois bois, um arado e um trato de terra cultivavel para formar agrónomos. Como se vê, esta ideia demais simplista, filha de grande ignorancia, é o oposto da primeira, e se me afigura tanto ou mais nociva do que ela.

Tal concepção parte do pressuposto de que o agronomo é um mero orador ou cultivador de terras, e que *saber arar* é o supremo conhecimento agronómico.

A pratica do agronomo, entretanto, não é a pratica do cultivador, apenas, porém a prática de todos os conhecimentos científicos que constituem a agronomia. Portanto, para formar um agrónomo não é suficiente ensiná-lo a arar a terra e a plantar algumas batatas...

Se esta ideia reduz o agrónomo a um simples práctico da agricultura, com um restrito horisonte visual, aquela outra considera-o um doutor, mas um doutor a encher as ruas da cidade, com toda a pretensão dos espiritos superficialistas.

Nem um, nem outro serão capazes de ter uma noção exata, de conjunto, ou particularizada sôbre qualquer dos nossos problemas agricolas, pois se uns têm suas ideias perto do chão, do sulco deixado pelo arado, os outros concebem seus planos de profissional á margem da própria vida rural do país, que não tiveram meios, nem oportunidade de conhecer.

Este desconcerto de ideias, aliás, é natural e próprio dos momentos de formação, de criação. Faltando ao país uma nor-

ma, um plano que servisse de guia á multiplicação de escolas, a que assistimos, o resultado dessa animação alviçareira foi este que parece nos surpreender, na nossa doce displicencia latina, tão amiga do velho e condenado *laissez faire, laissez aller...*

Mas ainda é tempo de agir, de salvar toda uma carreira do rumo que vem tomando, á falta de uma bussola que a leve a bons destinos.

E tempo de darmos ao Brasil as escolas de agricultura de que ele precisa, e que o seu progresso e a sua cultura estão exigindo prementemente. Vamos criar aquilo de que mais cresce a nossa produção agrícola — dirigentes habeis, forrados da teoria necessaria para uma prática inteligente e eficaz.

Para eliminar o empirismo, só a ciência aplicada que se instruiu no próprio empirismo a modificar, a reformar. Quer dizer para o combate á rotina agrícola só a multiplicação de agrónomos, cujos conhecimentos científicos foram adquiridos com os olhos postos na terra, que devem fazer produzir.

As propriedades medicinaes do limão

As propriedades medicinaes do limão são conhecidas desde os tempos os mais remotos.

Na *hygiene do corpo*, o succo de limão, é tido como purificador e desinfectante de primeira ordem. Serve para limpar as mãos, desgordural as e deixal-as brancas. Diluido n'agua serve mesmo para lavar todo o corpo. Na *hygiene da bocca* tambem é indicado : expreme-se 1/2 limão n'um copo d'agua e com está lava-se a bocca e limpam-se os dentes ; assim se desifecta a bocca, fortalecem-se as gengivas e previne-se um principio de escorbuto

Com caldo de limão se cura o Rheumatismo, a gotta, as dores de garganta ; é tambem bom remedio contra o diabete. Serve para curar as escoriações e frieiras nos pés , Uma rodela sobre os callos alivia as dcres. Na *hygiene da cabeça*, serve para limpar as secreções sebacêas, evitando a queda dos cabellos, os quaes ficam desgordurados e brilhantes.

O limão no chá ou no café, tonifica o coração e os membros ; A casca ralada c/ assucar é bom vermifugo.